

PARA ALÉM DA ESQUERDA E DA DIREITA¹

Eliana Mourgues Cogoy²

O presente trabalho pretende realizar algumas considerações sobre o livro de Anthony Giddens, denominado *Para além da esquerda e da direita* (1996). A obra é bastante pertinente para aqueles que buscam estudar a realidade da atual conjuntura mundial, pois o autor conceitua e esclarece diversos assuntos de um contexto tão mutável como o que vivemos. Estão presentes neste livro assuntos como: conservadorismo, socialismo, as revoluções sociais de nosso tempo, democratização, *welfare state*, política gerativa, pobreza, valores, entre outros.

Para dar início a sua obra, Giddens refere-se ao conservadorismo, enfatizando que embora a palavra ‘conservador’ signifique querer preservar, nas atuais circunstâncias, não são apenas aqueles que se denominam conservadores que desejam fazer isso: os socialistas também já não anseiam mais por grandes mudanças. Os socialistas hoje podem ser vistos defendendo a permanência do próprio Estado de Bem Estar, o que representa a superação de idéias que fundamentavam a sua luta: a extinção do Estado.

Segundo o autor, no período pós guerra proporcionou um reinvento da defesa do conservadorismo, desdobrando-se em três perspectivas variantes, que embora sejam diferentes, cada uma influenciou as outras. São elas: o conservadorismo filosófico, o neoconservadorismo e o neoliberalismo.

Através das reflexões do autor, percebe-se que, diferentemente do conservadorismo, o socialismo valoriza o passado a fim de alcançar o futuro além de defender valores de liberdade, igualdade, comunidade fraternidade, justiça social, bem como a sociedade sem classes, a coope-

¹ GIDDENS, Anthony. *Para além da Esquerda e da Direita*. São Paulo: UNESP, 1996.

² Assistente Social do Programa da Apoio à Comunidade Universitária da UCPel, mestranda em Desenvolvimento Social da UCPel e professora da Universidade de Cruz Alta –UNICRUZ.

ração, o progresso a paz, a prosperidade, a abundância e a felicidade.

Conforme Giddens vivemos hoje em um mundo de incerteza artificial, onde o risco difere muito dos períodos anteriores do desenvolvimento das instituições modernas. As perspectivas políticas de esquerda e de direita não mais possuem o significado que já tiveram, e o desenvolvimento moderno possui sua parcela de culpa, por propiciar um ambiente de riscos que vão desde a ordem individual, até a população mundial. A grande preocupação com a competitividade, a tecnologia, estão sacrificando o nosso meio ambiente e consequentemente, nossas vidas.

Giddens afirma que estamos condenados a lutar por um futuro indefinido. Diante de tantas transformações direcionadas pela globalização, torna-se desafiante pensarmos no futuro, pois, estamos perdendo espaços e raízes individuais, para a construção de uma espécie de identidade coletiva direcionada para a lucratividade, que invade a nossa vida privada para nos tornar alienados da realidade que nos cerca.

Para o autor, pensar a respeito de questões que não atingem somente a nossa individualidade, é voltar-se para a política de vida, que trata dos desafios enfrentados pela humanidade coletiva.

Não é a toa que estamos vivendo riscos de consequências sérias, pois a crise global envolve além de problemas ambientais, um aumento muito grande da pobreza global, a existência disseminada de armas de destruição maciça e a própria repressão em grande escala dos direitos democráticos, agravados pela desigualdade social.

Conforme Giddens, há uma saída para o enfrentamento dos problemas originados do sistema capitalista: é preciso haver democracia. Para defini-la de maneira mais adequada ele destaca a idéia de uma *democracia dialógica*, a qual está intimamente relacionada com a autonomia e a solidariedade. Ela deve desencadear-se na área pessoal, na proliferação de movimentos sociais e grupos de auto-ajuda, na arena organizacional e também, estar presente na ordem global maior.

O autor também faz sua referência ao *welfare state*, criado após o período de industrialização por interesses das classes em expansão, e embora ele tenha falhado na redução das desigualdades econômicas, ele propiciou que os programas previdenciais conseguissem uma generalização da seguridade social.

Para Giddens, as desigualdades sociais são responsáveis pela violência, entretanto, o autor aponta maneiras possíveis de contê-la, entre

as quais: influência da democracia dialógica, o enfrentamento do fundamentalismo e o controle do que ele chama de espirais degeneradas de comunicação emocional. A superação da pobreza significa a adoção de um modelo gerativo de igualdade.

Diante de tantas colocações consideradas importantes, o autor encerra sua obra destacando a ética, o reconhecimento da santidade da vida humana, o direito universal à felicidade e à auto-realização como pontos de apoio para modificar o cenário de nossa realidade atual.

Por fim, torna-se necessário reforçar a riqueza deste livro escrito por Giddens, pois, suas reflexões além de nos conduzirem ao senso crítico, desperta-nos a necessidade de valorização de aspectos que fazem parte da subjetividade humana, como a ética, a felicidade, respeito, entre outros. Percebemos com grande apreciação, que na construção de um projeto de desenvolvimento, que traga benefícios aos seus, o capital não se torna o ponto de partida, porque a vontade não pode ser comprada, mas sim descoberta no interior daqueles que desejam o bem social. Não é preciso armas nem violência que hoje nos rodeia. É preciso conscientização, determinação e possuir a política de vida que conduza para o caminho da solidariedade e a uma *democracia dialógica*.

De fato, quando então a humanidade num todo estiver consciente e disposta a agir coletivamente em benefício do bem comum, a violência, a pobreza e as guerras poderão extinguir-se, e então alcançaremos a realização humana dotada de valores universais que Giddens encara como pano de fundo de sua obra: um mundo de ética e justiça.

